



ST7. VEREDAS HISTORIOGRÁFICAS NOVAS LINGUAGENS PARA PESQUISA E ENSINO DE HISTÓRIA

379

AS VOZES DOS OUTROS NO ESPAÇO DE UM TEXTO: OLHARES SOBRE A CONCEPÇÃO DE ORALIDADE EM CÂMARA CASCUDO

*Raquel Silva Maciel**

Resumo: O trabalho se refere a uma pesquisa sobre os percursos intelectuais de Luís da Câmara Cascudo, erudito potiguar que se dedicou ao estudo da cultura popular brasileira. É possível identificar em sua produção o interesse por temáticas regionais que são tratadas em seus escritos sob o olhar de um pesquisador próximo ao movimento modernista, produção que perpassou por vários campos do saber entre eles o histórico, linguístico e folclórico. Seu objeto de pesquisa lhe permitiu analisar diversos componentes culturais, entre eles a literatura oral. O artigo analisa a concepção cascudiana de oralidade a partir da obra desse pesquisador intitulada *Literatura Oral no Brasil* (1949), identificando as origens atribuídas a esse aspecto da cultura, isto é, a dimensão comunicativa do ato de conviver, construir saberes e práticas e a oposição que realiza entre literatura oral e literatura letrada. O texto construiu reflexões sobre o conceito de oralidade na obra de Cascudo a partir de contribuições teóricas e metodológicas de autores como Michel de Certeau (1980), Cléria Botelho da Costa (2013) e Jerusa Pires Ferreira (2010).

Palavras-chave: Câmara Cascudo, Michel de Certeau, literatura oral, literatura letrada.

Nas próximas páginas desse trabalho irei analisar a concepção de Câmara Cascudo para a oralidade, denominada por ele de *literatura oral*. A relevância do estudo de tal temática se refere ao fato de que foi esse intelectual potiguar um dos primeiros estudiosos brasileiros que naquele período, meados do século XX, formulou e divulgou o conceito de uma literatura transmitida pela oralidade. Essa pesquisa se realizará a partir da análise da obra desse pesquisador intitulada *Literatura Oral no Brasil* (1949), buscando identificar as origens atribuídas a esse aspecto da cultura, isto é, a dimensão comunicativa do ato de conviver, construir saberes e práticas e a oposição que realiza entre literatura oral e literatura letrada.

* Graduanda da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Bolsista do Programa de Educação Tutorial do curso de História (PET/História-UFCG). E-mail: quequelpb@hotmail.com. Orientadora: Profa. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento. E-mail: reginacgn@gmail.com.

O despertar da carreira intelectual de Luís da Câmara Cascudo remete ao Brasil do início do século XX, que foi marcado pela efervescência de um período de modernização. Essa viria a provocar grandes rupturas na sociedade desse momento histórico. Influenciada por valores que provinham de países industrializados, a condição moderna modificava comportamentos sociais, esquemas econômicos e políticos e alterava a paisagem brasileira.

É nesse contexto que o cenário rural do norte¹ passa a se constituir com a presença de elementos “intrusos”, como as usinas que vinham a substituir os engenhos, até então símbolos daquela sociedade eminentemente elitizada, aristocrática e proprietária de terras e escravos. É no modelo de família patriarcal que Câmara Cascudo² possui suas raízes. Proveniente do interior norte-rio-grandense, seu avô materno era um fazendeiro de poderio econômico, e o avô paterno era integrante do Partido Conservador, que entre outros aspectos defendia políticas que não afetassem seus privilégios enquanto elite local.

A decadência desse modelo de sociedade possibilitou que os descendentes dessas famílias percebessem que a rede de relações sociais construídas no período anterior e o prestígio familiar que possuíam, poderiam lhes conceder benefícios como a manutenção de bens e a concessão de empregos públicos. Essa foi à alternativa encontrada por Francisco Cascudo, pai de Luís da Câmara, e inúmeros outros indivíduos de famílias aristocráticas. Esse se tornou chefe de polícia no interior do Rio Grande do Norte, sendo posteriormente transferido para Natal, cidade onde Câmara Cascudo nasceu em 30 de dezembro de 1898. Em 1900 é exonerado da Guarda Nacional, tornando-se um comerciante na capital norte-rio-grandense (GOMES, 2009).

É nessa cidade que Cascudo nasce, vive e produz. A infância de Cascudo foi um período conturbado do ponto de vista pessoal, sobretudo devido as doenças que enfrentou nessa fase. Já em relação a sua formação intelectual, é apontada por muitos pesquisadores como um momento decisivo na escrita que viria a realizar posteriormente. Essa fase foi marcada pelo enfrentamento de:

[...] problemas de saúde, como ele mesmo descreve, e quase sucumbiu em decorrência de grave enfermidade, apesar de cuidados esmerados como filho único do casal Ana Maria da Câmara Cascudo e Francisco Justino de Oliveira Cascudo, rico comerciante e coronel da Guarda Nacional (OLIVEIRA, 1999, p.18).

Cascudo viajou para o sertão da Paraíba e do Rio Grande do Norte entre os anos de 1910 e 1913³ em uma tentativa de curar essas enfermidades. Lá conheceu personagens que protagonizariam seus escritos posteriores, além do vasto

¹ Para Durval Muniz a ideia de “Nordeste” só surgiu a partir do início do século XX proveniente de inúmeros discursos que respaldaram a sua “invenção”. Até então essa região era denominada de “norte” e seus habitantes “nortistas”. Cf. ALBUQUERQUE JR. (2009).

² O “sobrenome” Cascudo refere-se a devoção ao Partido Conservador que o avô paterno de Luís da Câmara, Antônio Justino de Oliveira possuía. Cf. CASCUDO (1968).

³ Sobre a presença de Cascudo no sertão e construção desse ambiente em suas obras, respectivamente. Cf. FARIAS. (2001) Cf. MACIEL. (2014).

conhecimento/experiência adquirido acerca da cultura popular sertaneja, que culminaria em obras de grande relevância.

A obra aqui analisada, *Literatura Oral no Brasil*, é fruto do período de vivência nesse ambiente sertanejo, visto que para Cascudo “todos os anos vividos no alto sertão do Rio Grande do Norte e Paraíba foram cursos naturais de Literatura Oral” (CASCUDO, 1949, p.13). Estudiosos das obras cascudianas alertam para o fato de como esse acontecimento se torna base para as suas pesquisas posteriores. Assim,

o tempo que passou no campo marcou sua vida e é registrado, nos prefácios e biografias, como a época áurea e inspiradora de suas obras. Essa época é retratada em diversas obras e assume um caráter definidor quando ele pensa a cultura, pois sempre parte desse mundo de sua lembrança de infância (GOMES, 2009, p.195).

A estreia de Câmara Cascudo no meio intelectual remete ao ano de 1918 através da publicação de uma crônica no jornal *A Imprensa*, periódico que é fundado pelo Coronel Francisco Cascudo em oposição aos oficiais *Diário de Natal* e *A República*. O texto fazia parte de um coluna intitulada *Bric-à-Brac*, na qual Câmara Cascudo tecia críticas literárias a autores nacionais e internacionais. É interessante notar que Cascudo assim como outras “figuras do saber” desse período despontam no cenário intelectual apoiados por seu poder econômico-social que os possibilitava produzir textos literários e publicá-los em periódicos⁴.

A aproximação de Cascudo com temas referentes a cultura popular, remete ao início da década de 1920. Essa relação posteriormente viria a torná-lo referência no estudo desse objeto tanto no contexto nacional quanto internacional. Durante esse período, Cascudo já mantinha correspondência com Monteiro Lobato e outros intelectuais que, de certa forma, influenciaram intelectualmente a sua produção⁵.

A análise de seu conjunto de obras permite verificar a relação de Câmara Cascudo com a memorialística, pois parte considerável de seus escritos são originários da evocação de suas lembranças, suas reminiscências⁶. Além de que, ao

⁴ Nesse período histórico era intensa a relação entre os periódicos e os escritos literários, muitos dos intelectuais surgidos nesse contexto tratavam de publicar seus textos, ou fragmentos de suas obras em jornais. Cf. SALES (2008). A bibliografia de Cascudo apresenta uma intensa produção de textos para jornais de circulação local, publicações que em alguns casos vieram a ser divulgadas posteriormente em formato de livros, a exemplo de *Viajando o Sertão* que surgiu inicialmente como uma coletânea de artigos para o jornal *A República*.

⁵ Francisco Firmino Sales Neto (2008) contesta a noção que muitos estudiosos da obra cascudiana apresentam em relação a sua aproximação com Mário de Andrade, apresentando essa como marco central e fator decisivo na sua produção posterior. As contribuições que esse historiador apresenta permitem pensar Câmara Cascudo como um sujeito que estabeleceu diversos contatos ao longo de sua trajetória intelectual e pessoal e que não podem ser vinculadas de forma restrita a Mário de Andrade, bem como sua aproximação com seu objeto de pesquisa não pode ser vislumbrado como uma indicação do escritor modernista ao intelectual potiguar.

⁶ Câmara Cascudo acredita que as recordações de determinados fenômenos guardados na memória seriam evocados através da chamada “reminiscência”, sendo essa para Durval Muniz (2007) o [...] nível em que a “memória individual” é violentada por choques provenientes de signos sensíveis. Estes signos provocam a evocação, fazem chegar à consciência sensações ou imagens já vividas que aparecem como rasgões num tecido negro. (...) O passado ressoa no presente, o passado surge no presente com força viva e violenta, de uma violência tão grande que só suportamos por momentos [...] (ALBUQUERQUE JR.,

final de sua vida, entre as décadas de 1960 e 1970, ele passa a construir suas autobiografias⁷ através de uma seleção do que deve ser esquecido e o que deve ser evocado. Fato que evidencia a construção pelo próprio Câmara Cascudo de seu lugar de memória⁸, respaldado na autoridade intelectual que já possuía no Brasil e em outros países.

A obra *Literatura Oral no Brasil* também retrata a relação desse intelectual com o campo da memória ao conter na sinopse uma fala de Câmara Cascudo na qual ele ressalta que todo o material ali presente é resultado de seus anos de vivência no sertão, ambiente no qual

todos sabiam contar histórias. Contavam à noite, devagar, com gestos de evocação e lindos desenhos mímicos com as mãos. Ia eu ouvindo e aprendendo. Era o primeiro leite alimentar da minha literatura. Cantei, dancei, vivi com todos os outros meninos sertanejos do meu tempo e vizinhanças, sem saber da existência de outro canto, outra dança, outra vida. Voltava carregado de folhetos de cantadores, centos de versos na memória, lembrança dos romances reeditados há tantos cem anos, vivos no espírito de milhões de homens **e jamais citados nas histórias registradoras das atividades literárias do Brasil** [grifo meu] (CASCUDO, 1949)

A própria oralidade pode ser pensada através de sua relação com a memória, pois é através dela “[...] que os homens recuperam suas experiências vividas, seja no âmbito individual, seja coletivo, socializando-as por meio da utilização dos signos verbais” (SILVA et al, 2009, p. 24). Porém, essa relação não pode suscitar que o material oral resguardado e transmitido na memória dos indivíduos não passa por um processo de seleção se dando tal qual foi recebido. Pensar dessa forma seria negar os interesses individuais e coletivos que conduzem esse rememoração.

Essa citação evidencia não só a utilização de suas lembranças para a definição e exemplificação da literatura oral como também ressalta a sua concepção de que essa é fruto das práticas culturais populares que como ele afirma: guarda, define e perpetua esse tipo de literatura. O trecho destacado retrata uma das preocupações centrais de Câmara Cascudo no tocante a oralidade, ela não é objeto de estudos das atividades literárias formais que em sua concepção deveriam registrar em papéis uma tradição transmitida ao longo de várias gerações e que envolve milhões de sujeitos.

É nesse sentido que Câmara Cascudo desenvolve em obras como *Literatura Oral no Brasil*, a “missão” que outros pesquisadores daquele período não concretizam. Assim, ele se coloca na posição de transmissor das tradições orais populares, o que promove uma valorização de sua obra na medida em que estaria salvando “[...] da morte

2007: 201). A reminiscência, essa evocação de sensações e imagens passadas que invadem violentamente o nosso presente, seria para esse intelectual potiguar a única forma fiel de acesso a memória, já que todas as demais seriam frutos da “imaginação”, estando essa ligada a ideia de falsidade que colocaria em risco a autenticidade de nossas lembranças.

⁷ Sobre a construção de uma memória pessoal por Câmara Cascudo cf. MACIEL (2014).

⁸ Para Pierre Nora, os *lugares de memória* não são produtos espontâneos, mas sim construções sociais. Esse historiador francês elenca três tipos de lugares de memória, os materiais, funcionais e simbólicos. Cf. NEVES (2007).

um conjunto de traços, hábitos e valores através dos recursos da escrita” (COSTA, 2013, p. 201).

A noção de literatura oral também pode ser pensada através da coletividade que ela abarca, na medida em que é utilizada e difundida por um conjunto de pessoas. É através dessa coletividade que experiências individuais e coletivas são compartilhadas entre os indivíduos que a constituem originando e transmitindo alguns dos contos, lendas, anedotas, estórias, autos e outros segmentos dessa literatura. É nesse sentido que elas “[...] traduzem as experiências de uma dada coletividade, que tem nas produções populares reflexos de sua cultura, bem como das ressignificações que delas fazem” (SILVA et al, 2009, p. 24).

Coletividade que é construída e mantida através da chamada memória coletiva *que se refere para além de uma simples junção de memórias individuais, sendo a que nos ajuda “[...] a fixar o conteúdo e a forma de nossas recordações, que acreditam nelas e nos responsabilizam por minúcias de que não nos recordávamos”* (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 204).

Nessa obra, Cascudo apresenta o conceito e prática da literatura oral como indissociada do ambiente sertanejo, para esse estudioso a partir da escassez de acesso a obras escritas a população local privilegiava a transmissão oral de causos e recordações que podiam ser passados através das gerações em uma ocasião informal, como uma reunião familiar, uma conversa entre amigos, e/ou até em cerimônias como um casamento, que não existia “[...] sem os vivos protocolares e sem a louvação dos cantadores, de violas enfeitadas de fitas, empinando o braço e depondo os instrumentos aos pés dos noivos [...]” (CASCUDO, 1949, p. 13).

A experiência que Câmara Cascudo teve com essa oralidade, fruto de sua convivência no sertão paraibano e norte-rio-grandense possibilitou que quando entrasse em contato com a literatura letrada, através de sua formação erudita voltada para o mundo dos livros e seu contato com outros intelectuais e espaços de saber ele verificasse as diferenças entre os dois tipos de literatura, que em sua concepção não possuem elos, se criaram e se mantêm de maneiras independentes.

No período moderno é clara a distinção entre esses dois tipos de literatura, a oral e a letrada⁹. Associada com o conceito de progresso as duas vem a se opor a partir da relação que mantêm com esse. O processo escriturístico é fruto desse processo de modernização, estando indissociável desse conceito, diferente da oralidade que é vista como tudo aquilo que não contribui com a noção de progresso. Nesse sentido, “[...] define-se portanto pela oralidade (ou como oralidade) aquilo de que uma prática ‘legítima’ – científica, política, escolar, etc. – deve distinguir-se [...]” (CERTEAU, 2008, p.204). Assim, o imaginário da modernidade trouxe além de todas as inovações tecnológicas e científicas a ascensão do império da escrita que promoveu paulatinamente a subjugação da tradição oral.

⁹ Jerusa Pires Ferreira contesta a afirmação de que naquele período e nos dias atuais existe uma separação entre esses dois tipos de literatura, para ela “[...] guardando o modo de ser, o específico e os circuitos de criação popular, não se excluiu essa presença do conjunto que representa a nossa literatura, inscrevendo assim a literatura popular tradicional na série literatura brasileira” (FERREIRA, 2010, p.153).

Apesar de Cascudo afirmar que essas duas literaturas raramente possuem alguma ligação podemos perceber que como nos apresenta Cléria Botelho (2013) a distinção e separação entre essas é frágil e imprecisa, na medida em que, por exemplo, uma trama escrita pode ser oralizada posteriormente e ter sua forma escriturística esquecida pela sociedade, bem como o contrário.

Na concepção cascudiana essa literatura, transmitida pela oralidade, não pode ter sua formação restrita as orações, cantos, provérbios e adivinhações, ela abrange um segmento mais amplo resumindo-se

[...] na estória, no canto popular e tradicional, nas danças de roda, danças cantadas, danças de divertimento coletivo, ronda e jogos infantis, cantigas de embalar (acalantos), nas estrofes das velhas xácaras e romances portugueses com solfas, nas músicas anônimas, nos aboios, anedotas, adivinhações, lendas e etc. (CASCUDO, 1949, p.22).

Além disso, a forma como essa literatura se manifesta e os espaços nos quais circula são variáveis. Assim, além de ser classificada em diferentes segmentos (anedotas, provérbios, cantos, etc.) ela se distingue no desempenho do narrador, na sua transmissão, na recepção e na sua composição.

As categorias da literatura oral destacadas por Câmara Cascudo se referem ao que Michel de Certeau (1980) denomina de *ato da palavra*, sendo esse um processo de apropriação da língua em uma situação específica realizada por determinado locutor. Os elementos que constituem a oralidade são nomeados por Certeau como “museus vivos de táticas” na medida em que esse tipo de linguagem e seu emprego são estratégias de manipulação do sistema linguístico por seus locutores. Constituindo uma “[...] *arte de dizer* popular. Tão viva, tão perspicaz, quando os reconhece no contista e no camelô, um ouvido de camponês de operário sabe detectar numa maneira de dizer uma maneira de tratar a linguagem recebida” (CERTEAU, 2008, p. 81).

Assim, ao destacar os provérbios como uma prática da oralidade esse historiador francês atenta para o fato desse e outros discursos serem marcados pelos usos que fazem deles, se constituindo enquanto elementos manipuláveis por esses locutores (CERTEAU, 2008).

A literatura oral discutida por Cascudo tem como pressuposto a sua transmissão e perpetuação através da tradição oral. Oralidade essa que engloba o universo da cultura popular, por meio da expressão de “[...] aspectos constituintes da arte do cotidiano, das trajetórias individuais, do imaginário e das tradições” (SILVA et al, 2009, p.21).

Esse tipo de literatura vem a promover uma valorização da linguagem verbal enquanto produtora e perpetuadora de práticas culturais, nas quais são registradas e socializadas as experiências dos indivíduos que delas fazem parte, são perpetuadas suas trajetórias e conhecimentos. Além de possibilitar que aquele que não tem acesso a uma educação formal possam promover a difusão de histórias “[...] por meio da oralidade e não apenas da escrita, [fato que auxiliava os que não sabiam ler, pois eles] decoravam os textos e os repassavam para os outros” (SILVA et al, 2009, p. 25).

Apesar da importância da oralidade para os estudos culturais e linguísticos, Câmara Cascudo ao afirmar que essa literatura jamais foi registrada nas atividades literárias do país destaca que, em meados do século XX, para a “irmã mais velha” da literatura oficial tem-se relegado um espaço menor, de importância inferior nas pesquisas literárias brasileiras. Esse pesquisador já havia destacado, em obra anterior intitulada *Viajando o sertão*, que tal aspecto se efetivaria através de uma possível substituição da literatura oral pela escriturística indagando se “nada mais resta dessa literatura oral, preciosa e milionária de curiosidade, senão os registros literalizados?” (CASCUDO, 2009, p. 76). A própria figura do cantador é apresentada em seus escritos como uma espécie rara, que quase não se encontra e que assim como o sertão está se descaracterizando com a penetração de costumes e práticas do litoral.

Apesar de Câmara Cascudo afirmar que no período de escrita dessa obra é como se a literatura oral não existisse, devido a restrição em relação a sua existência e manutenção ele ressalta que mesmo com essas oposições ela continua a figurar nas festas tradicionais, nos terrenos das fazendas, com indivíduos que continuam falando, cantando e mantendo suas práticas culturais. Assim, essa literatura

[...] sem nome em sua antiguidade, viva e sonora, alimentada pelas fontes perpétuas da imaginação, colaboradora da criação primitiva, com seus gêneros, espécies, finalidades, vibração e movimento, continua rumorosa e eterna, ignorada e teimosa, como rio na solidão e cachoeira no meio do mato (CASCUDO, 1949, p. 25).

Michel de Certeau (2008) ao tematizar em seus estudos o *ato da palavra* também atenta para a separação que se realiza entre um saber tido como científico e aquele que é objeto de uma experiência popular bem como destaca que quando esse último é objeto de práticas científicas tem a sua estrutura interna e sua manifestação alterada na medida em que

tal arte fica excluída e os seus autores, lançados para fora do laboratório, não só porque toda cientificidade exige delimitação e simplificação de seus objetos, mas porque a constituição de um lugar científico, condição prévia de qualquer análise, corresponde a necessidade de poder transferir para ali os objetos que se devem estudar. [...] o ato da palavra não pode separar-se da circunstância [...] deixando de lado o inarrraigável de uma sociedade: modos de usar, as coisas ou as palavras segundo as ocasiões (CERTEAU, 2008, p. 77).

A narrativização presente nessa literatura oral é uma maneira de fazer textual que assim como outras formas de produção textual apresenta suas táticas e procedimentos próprios (CERTEAU, 2008). Se diferenciando da descrição do período clássico na medida em que enquanto história narrada ela não é limitada pela realidade, ou seja, nessas não há compromisso com o “real”.

A partir do exposto é possível concluir que Câmara Cascudo, ao analisar o conceito de literatura oral em sua obra, acaba por diferenciá-la da chamada literatura letrada, que com todas as transformações advindas com a modernização daquele período

influenciou decisivamente na concepção do que seria uma literatura oficial e que deveria ser transmitida a sociedade e ter sua produção incentivada. Porém, mesmo com essa distinção e tentativa de esquecimento da oralidade, como o próprio Cascudo destaca, a literatura oral continuou sendo praticada nas fazendas do interior do Brasil, nas festas folclóricas, nos atos religiosos e em outros espaços, com outros indivíduos e de diferentes maneiras.

Oralidade que se configura a partir de autos, anedotas, estórias, contos e outras formas, que é influenciada pela forma de narrar, pela recepção do público, pelo espaço em que circula, e pelas táticas e estratégias que marcam a sua existência.

Literatura Oral que mantém relação com a memória e coletividade. Memória que é marcada pela seleção e esquecimento daqueles que a evocam, do jogo de interesses individuais e coletivos que a constrói, sendo realizada a partir dela a sua configuração e transmissão ao longo das gerações. Coletividade porque esse tipo de literatura é utilizada e difundida por um conjunto de pessoas, são elas que ao compartilharem experiências acabam criando e/ou transmitindo contos, lendas, anedotas, provérbios, estórias e outros segmentos dessa literatura que constituem a “[...] força obscura e poderosa, fazendo a transmissão, pela oralidade, de geração a geração” (CASCUDO, 1949, p. 177).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

_____. **História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história**. Bauru: Edusc, 2007.

_____. **Uma projeção lírica, uma poesia recordadora: o Nordeste de Câmara Cascudo**. In: SILVA, Marcos (Org). *Câmara Cascudo e os saberes*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2006.

_____. **O tempo e eu (confidências e preposições)**. Natal: Imprensa Universitária, 1968.

_____. **Viajando o Sertão**. São Paulo: Global, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Vol. 01. São Paulo: Editora Vozes, 2008.

COSTA, Cléria Botelho da. **A magia do contar: a oralidade em Câmara Cascudo**. In: SILVA, Marcos (Org). *Câmara Cascudo e os saberes*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013.

GOMES, Ramonildes Alves. GOMES, Valdeci Feliciano. **Laços matrimoniais, amarras tradicionais: a família como autoconstituição em Câmara Cascudo**.

Disponível em: <http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=629>. Acesso em 25 de fev. 2014.

FARIAS, Mirella de Santos. **Memórias de um menino sertanejo: O Sertão de Luís da Câmara Cascudo**. [trabalho de conclusão de curso]. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2001.

MACIEL, Raquel Silva. **Tramas escritas, vozes cantadas: a literatura popular e a imagem do sertão em Câmara Cascudo**. (no prelo)

MACIEL, Raquel Silva. **"Peregrinação ao redor de mim mesmo": a construção de uma memória pessoal por Luís da Câmara Cascudo**. (no prelo)

NETO, Francisco Sales Firmino. **Palavras que silenciam: Câmara Cascudo e o regionalismo-tradicionalista nordestino**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a História**. Disponível em: <http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>. Acesso em 27 de abr. 2014.

OLIVEIRA, Gidson. **Câmara Cascudo: um homem chamado Brasil**. Brasília: Brasília Jurídica, 1999.

SILVA, Alesson Luiz Gois da et. al. **Entre contos e cantos: linguagem e literatura oral a partir das tradições do sertão nordestino**. Disponível em http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/artigo_3.pdf acesso em 29 de jul. de 2014.

SILVA, Marcos. **Dicionário crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, 2010.